

Adolescentes e telenovelas: sua compreensão sobre a gravidez na adolescência

Gabriela Maria Dutra de Carvalho¹

*“Tá ligado!?”: diálogos entre adolescentes e telenovelas globais: interfaces na construção da compreensão da sexualidade trata sobre questões relativas à sexualidade humana. Por meio de sessões dirigidas a adolescentes, assim como de discussão e análise de temáticas referentes à sexualidade humana, presentes nas telenovelas *Páginas da Vida*, *Paraíso Tropical*, *Duas Caras* e *A Favorita* da Rede Globo de Televisão, procurou-se observar com grupos de adolescente quais vertentes pedagógicas de educação sexual, teorizadas por Nunes (1996)¹ em sua pesquisa sobre o tema, revelam-se na forma de compreensão do jovem sobre sexualidade.*

Sabe-se que a educação, de um modo geral, e principalmente a educação institucionalizada, transmite a idéia, em suas vivências, de que a escola é “assexuada”. O currículo oculto, do qual a educação sexual também faz parte e é vivenciada no cotidiano escolar, não é desvelado e, muitas vezes, nem é percebido.

A educação sexual, como parte inerente do processo educacional, reflete essa estrutura de poder e o educador que possui uma visão emancipatória da sexualidade encontra, muitas vezes, barreiras para atuar nessa abordagem. Portanto, conforme Melo (2002, p. 49), adaptando Freire, “a ação de começar um trabalho de educação sexual por meio de conversas sobre a negação do próprio diálogo é o início de um processo compreensivo de

¹ Durante toda a dissertação, quando for feita a referência sobre as vertentes pedagógicas que fundamentam os projetos de educação sexual e os discursos sobre sexualidade humana estarei referindo-me às propostas por César Nunes em sua tese de doutorado (1996): **FILOSOFIA, SEXUALIDADE E EDUCAÇÃO: as relações entre pressupostos ético-sociais e histórico-culturais presentes nas abordagens institucionais sobre educação sexual escolar**. Tese de Doutorado. Faculdade de Educação. UNICAMP.

educação sexual que não encara o sexo como “uma aprendizagem oculta, como um segredo”.

Na instituição educacional onde foi desenvolvida a pesquisa, não existe um trabalho intencional de educação sexual, e as professoras e os professores, de um modo geral, declaram informalmente que não se sentem à vontade em trabalhar tais temas. Esses, não raro, apresentam conceitos e pontos de vista carregados de preconceitos, os quais revelam uma rigorosa moral repressora que preserva a família tradicional, a Igreja e seus preceitos e a escola como modelos ideais de instituições normativas, no que se refere à sexualidade, reforçados pela mídia, com muita força pela TV e suas telenovelas.

No cotidiano escolar, tem sido revelado pela maioria dos alunos aos docentes que trabalham intencionalmente com a temática da sexualidade humana, nos diálogos em sala de aula e fora dela, que os pais ou responsáveis pouco dialogam intencionalmente com eles a respeito, inclusive de temas especificamente biológicos, tais como: relações sexuais, gravidez, prevenção, doenças sexualmente transmissíveis e outros. Esse “não-diálogo” dos pais, mães ou responsáveis com seus filhos inclui-se também na vivência de um processo de “não falar”, que também é uma forma de se manifestar, pois esses responsáveis também são sujeitos históricos que, no seu processo de construção de conhecimento de sua própria sexualidade, na maioria das vezes, manifestam um estranhamento relativo às questões de tal natureza e reproduzem esse estranhamento nessa negação ao diálogo sobre essas questões com seus filhos. O não entendimento dessa dimensão humana, construída historicamente, prejudica as relações sociais, seja na família, seja na escola, e tal fato é, muitas vezes, influenciado pelas mídias na construção de modelos.

Dessa maneira, há um trabalho oculto, não percebido pela maioria dos envolvidos (família, escola), que reforça as vertentes pedagógicas repressoras.

Nesse contexto, a comunidade escolar, como mediadora do conhecimento, também precisa compreender o discente e o docente como seres sexuados que têm seus desejos, seus medos, suas incertezas e suas

dúvidas. Para isso, é importante que os envolvidos na instituição escolar saibam que ela é também:

o espaço da crítica sobre a sexualidade estabelecida e o laboratório das novas significações e vivências. Não de uma maneira superficial como vem sendo feita, empirista, biologista, informativa e outra vez diretiva. Muitas escolas acreditam que fazem “educação sexual” por permitir que um padre ou um médico uma vez por ano fale sobre “Sexo e amor”, “Métodos anticoncepcionais e aborto”, “Aparelhos reprodutivos masculinos e femininos”. (NUNES, 2002. p, 17).

Assim sendo, consciente de que falar de sexualidade, em uma sociedade marcada, por um lado, pelo apelo consumista e pela busca do prazer, e, por outro lado, pelas rígidas normas impostas pelo conservadorismo religioso, é uma tarefa difícil, porém importante, buscou-se dialogar com os discentes a respeito de sexo e sexualidade, objetivando perceber a compreensão dos jovens sobre questões permeiam o seu cotidiano e dentre elas, a gravidez na adolescência.

Tendo presentes tais considerações, uma das perguntas centrais da pesquisa é: qual é a compreensão que escolares adolescentes da 8ª série possuem sobre gravidez na adolescência?

Como instrumento eixo da pesquisa usou-se um material audiovisual produzido pela pesquisadora com recortes de telenovelas. Diagnosticando qual paradigma e quais vertentes pedagógicas da sexualidade estão subjacentes a maneira dos adolescentes compreenderem e viverem a sua sexualidade, buscou-se aprofundar o conhecimento sobre o seu processo de educação sexual, possibilitando identificar indicadores que permitam uma intervenção pedagógica com o objetivo de desenvolver um projeto de educação sexual intencional compreensiva, embasada em teorias que trabalham a sexualidade de forma emancipatória.

O método de pesquisa utilizado foi Dialético, que, segundo o Dicionário de Filosofia Japiassu e Marcondes (2006 p. 187), “é aquele que procede pela refutação das opiniões do senso comum, levando-as à contradição, para chegar então à verdade, fruto da razão”. Tal método penetra no mundo dos fenômenos por meio de sua ação recíproca, da contradição inerente ao



II SIMPÓSIO INTERNACIONAL DE EDUCAÇÃO SEXUAL - II SIES

Gênero, Direitos e Diversidade Sexual: Trajetórias Escolares

28, 29 e 30 de abril de 2011

MARINGÁ - PR



ISSN 2177-1111
www.sies.uem.br

fenômeno e das mudanças dialéticas que ocorrem na matéria e na sociedade. Dessa forma, sendo a instituição escolar um espaço sócio-histórico-cultural, há uma preocupação de se analisar o objeto dentro de um quadro dinâmico, de movimentos, no qual nada pode ser considerado como acabado ou terminado.

Utilizou-se a pesquisa-ação que privilegiou o diálogo freireano, sustentado na teoria de Freire (2007), em especial em sua obra denominada na Pedagogia da Autonomia, como instrumento principal. Em um trabalho com oficinas, procurou - se ouvir os adolescentes na sua compreensão da sexualidade e, por conseguinte, do seu processo de educação sexual, com o auxílio das telenovelas.

O *corpus* envolveu um grupo de 52 estudantes, homens e mulheres, com a faixa etária que varia de 13 a 18 anos, matriculados na oitava série de uma escola pública...

O material coletado, oral e escrito, foi analisado, à luz de Bardin (1977).

A gravidez, tema dialogado em oficinas com os alunos, pode ser definida, biologicamente, segundo Moraes (2007), como o período que vai da concepção ao nascimento de um indivíduo.

O artigo *Comunicação para os direitos da criança e do adolescente*, publicado na revista online Rede Brasil, sob a coordenação da médica Maria Auxiliadora Budib (2008), revela que, no Brasil, assuntos como planejamento familiar, controle de natalidade e educação sexual ainda não são prioritários, e, por esse motivo, a gravidez acaba tornando-se, não raramente, um sério problema social a ser resolvido. É o caso da gravidez na adolescência. Segundo o ECA (Estatuto da Criança e do Adolescente), no Brasil, é considerado adolescente o jovem ou a jovem que está situado na faixa dos 12 aos 21 anos, portanto gravidez na adolescência é aquela que ocorre com mulheres que se situam nessa faixa etária.

Em uma entrevista publicada no Globo Video Chat, em 25/09/2007 a médica Albertina Duarte declarou que, segundo dados do IBGE, houve um aumento da gravidez na adolescência em 13%. O índice maior aconteceu nas regiões Norte e Nordeste e, em São Paulo, houve uma diminuição em 33%. A

situação ainda é muito grave, comentou a especialista em trabalho com adolescentes.

De acordo com Shah, Zelnik e Kantner citados por Valladares (1997), em resposta a uma pergunta feita a quase mil moças sexualmente ativas sobre suas práticas concepcionais, quatro, em cada cinco, indicaram que tinham tido relações sexuais sem usar quaisquer meios de controle da natalidade, e sete, em cada dez, disseram que não usavam anticoncepcionais por pensarem que não ficariam grávidas. Algumas ignoravam o fato da reprodução, pensando que não conceberiam por serem muito jovens, ou por terem contatos sexuais com pouca frequência, ou por que não era o dia certo do mês. Ainda houve quem revelasse que “quem não deseja ter um filho não o terá.”

Segundo o estudo de Valladares, outra razão significativa para as jovens não controlarem a natalidade é a indisponibilidade de métodos anticoncepcionais para jovens adolescentes. Cerca de três, em cada dez, revelaram que não sabiam onde encontrar anticoncepcionais, acharam-nos muito caros, não dispunham de nenhum anticoncepcional na hora da relação sexual, ou nada sabiam a respeito.

E, com o acelerado processo de desenvolvimento dos meios de comunicação, será que as causas citadas da gravidez precoce ainda são as mesmas?

Sobre tal questão, na mesma entrevista de Albertina Duarte mencionada anteriormente, e em resposta a uma pergunta se as causas da gravidez precoce seriam conseqüentes de falta de informação, descuido ou falta de preocupação, a médica diz que existe, entre o conhecimento dos métodos e a mudança de atitude, uma ponte que é denominada de segurança, projeto e estrutura. E que, mais do que maturidade e informação, deve haver uma segurança na negociação. “Os meninos têm medo de falhar e as meninas de não agradar e isso atrapalha e eles e elas não assumem uma postura segura”.

Na mesma entrevista a especialista declara que o método contraceptivo mais procurado e utilizado pelos adolescentes no Brasil, é o “método natural”, “naturalmente nada”, principalmente na primeira relação. O mais usado deveria ser a camisinha, no entanto eles não usam nada.

Outra informação desconhecida por muitas adolescentes é que a gravidez tem risco físico sim. A gestante pode ter infecção urinária e isso ajuda provocar um trabalho de parto prematuro, como é também possível que ela fique anêmica, podendo ter pressão alta, reforçando isso a necessidade do pré-natal ser bem cuidadoso.

Mas, de acordo com a pesquisa feita por Bueno (2004), há controvérsias quantos aos resultados clínicos negativos da gravidez precoce e, na atualidade, muitos estudiosos acreditam que os riscos da gravidez de adolescentes sejam mais determinados por fatores psicossociais relacionados a condições de pobreza e educação e, principalmente, à falta de perspectiva na vida dessas adolescentes sem escola, saúde, cultura, lazer e emprego. Nesses casos, parece que as jovens imaginam que a gravidez pode significar para elas a única forma de melhorarem sua condição de vida.

Mas, concretamente, o que alguns adolescentes pensam sobre a gravidez na adolescência? Qual a sua concepção sobre esse assunto que lhes diz respeito e ao qual muitos estudiosos dedicam inúmeras pesquisas.

A gravidez na adolescência sob o olhar adolescente - Nesta oficina, foi a seguinte pergunta feita aos sujeitos da pesquisa: que significa para você gravidez precoce ou gravidez na adolescência?

Apenas dois alunos responderam de forma sucinta, sem expressar sua opinião, com exemplos e julgamentos. “Significa que uma garota com idade de (12 a 18 mais ou menos isso) engravida, sem querer.” “Significa engravidar muito cedo entre mais ou menos 12 a 18 anos.”

Percebe-se que esses dois jovens adolescentes compreendem que, a partir dos 19 anos, o indivíduo já é adulto. Um (a) afirma ser um ato involuntário e o (a) outro (a) um ato precoce, o que parece revelar pelo menos a consciência de ser um fato que foge aos padrões do esperado pela sociedade em que vivem. Tais afirmativas parecem apontar a forte influência de discursos médicos padronizados no atual contexto. Isso porque, em geral as falas sobre a questão, provenientes de profissionais ligados à área da saúde, são apresentadas de forma alarmista, caracterizando a gravidez na adolescência como não-desejada, indesejada, prematura e precoce.

Mas, a maioria dos alunos definiu o fato como um ato de irresponsabilidade, observado em algumas falas:

“É um ato irresponsável entre duas pessoas que querem se comportar como adultos e não usam camisinha.”

“Gravidez na adolescência, nada mais é do que irresponsabilidade. Gravidez na adolescência pode transmitir doenças. Sexo é vida, mas só com camisinha.”

E por que registrar irresponsabilidade? Provavelmente porque apesar de, aparentemente, não faltar ao (a) jovem informação e educação sexual preventiva, tanto as veiculadas pelos meios escolares, como as adquiridas em casa, ou por outros meios de comunicação, não ouvir os conselhos dos pais, professores, conselheiros amorosos, enfermeiros, catequistas etc. é não ter responsabilidade. O discurso hegemônico é absorvido pelo jovem que, como sujeito constituído socialmente, é submetido a um processo de enquadramento sexual o que, nesse caso, significa aceitar o discurso moral da irresponsabilidade, mas sempre perante as regras estabelecidas, pois como nos provoca Bernardi (1985, p.42), ao dizer que:

Dois seres humanos possam assumir a verdadeira responsabilidade de estarem juntos em recíproca de amor e prazer, e contarem consigo mesmos e não com a aprovação social para serem felizes é coisa praticamente impensável para muitos dos chamados educadores.

Outras formas como muitos alunos e alunas definiram a questão foram: um descuido, algo inesperado, acontecimento fora da hora, algo não planejado, transtorno, burrice, coisa muito ruim, com sérias conseqüências físicas, econômicas e psicológicas. E tudo por não terem se precavido, usando métodos anticoncepcionais:

“É uma cadeia.”

“A minha opinião sobre gravidez na adolescência é que é coisa muito complicada, atrapalha muito a vida da mulher principalmente,



II SIMPÓSIO INTERNACIONAL DE EDUCAÇÃO SEXUAL - II SIES

Gênero, Direitos e Diversidade Sexual: Trajetórias Escolares

28, 29 e 30 de abril de 2011

MARINGÁ - PR



ISSN 2177-1111
www.sies.uem.br

a do homem, a dos pais também. Mais cada caso é um caso. Conheço várias meninas que tiveram filhos cedo e não se arrependeram, mas tiveram que parar de estudar.”

Percebe-se de novo que as concepções dos discentes são fortemente influenciadas pela chamada vertente médico-biológica do estudo da sexualidade, cujo discurso, em grande parte, diz que as adolescentes não têm maturidade biológica, nem psicológica para a maternidade.

Porém, como já foi mencionado anteriormente, a literatura médica, hoje, já reconhece que o problema da gestação e da criação do filho está mais relacionado aos aspectos psicológicos e sociais do que à idade e a questão biológica.

Os alunos afirmam que não é por falta de informação sobre métodos anticoncepcionais, mas sim pelo descuido em não usá-los que a jovem engravida, num ato de irresponsabilidade, pois não mede as conseqüências de seu gesto impensado. O normativo-institucional proclamado por muitos professores, pais e materiais didáticos e por outros meios se faz mais uma vez presente. E o diálogo, o “papo cabeça” sobre adolescentes “grávidos” onde fica? Sobre suas vidas, seus anseios e sobre a importância deles descobrirem, escolherem e traçarem seus caminhos?

A responsabilidade da gravidez é só da mulher? Pelas respostas dos alunos, a maioria só citou a mulher. Talvez porque nela aparece o resultado: a barriga.

“Acho que é o homem, geralmente nós homens forçamos as mulheres a se relacionarem coma gente.”

“A mulher porque é ela que tem que se cuidar, o corpo é dela e a maioria das conseqüências ruins também é pra ela.” “A mulher, porque ela deve se preservar, ou seja, ela deve escolher o momento certo e se proteger.”

Mas, nem todos acham que ficar grávida no período da adolescência é uma catástrofe:



II SIMPÓSIO INTERNACIONAL DE EDUCAÇÃO SEXUAL - II SIES

Gênero, Direitos e Diversidade Sexual: Trajetórias Escolares

28, 29 e 30 de abril de 2011

MARINGÁ - PR



ISSN 2177-1111
www.sies.uem.br

“Para mim seria muito legal! Eu acho que não iria ficar grávida agora com 14 anos, mas se por acaso acontecesse eu daria muito amor à criança, mas sei que viriam as conseqüências. Tenho amigas que tiveram filhos com 13 e 14 e vivem numa boa.”

“Acho legal ter filho cedo, principalmente se o pai for mais velho e tiver dinheiro pra sustentar e a mulher não trabalhar.”

Com exceção de dois jovens, o resto do grupo manifestou vontade de ser mãe e pai, mas o que em suas palavras foi comum é o desejo de primeiro estudar, arrumar uma profissão e depois casar e ter filhos.

Diálogos com cenas de gravidez de adolescentes em recortes de cenas de telenovelas:

Em resposta à pergunta sobre a abordagem do tema na telenovela, muitos fizeram uma sinopse do que viram: a maioria acha que a forma como o tema é passado na telenovela é semelhante à vida real, pois toda família, de uma forma ou de outra, fica abalada com a notícia de uma gravidez não esperada. Os conflitos são inevitáveis. Eles falaram que:

“A novela mostra muitas vezes coisa que acontece muito no dia-a-dia, como por exemplo, o desafio de descobrir e revelar para os pais, pois qual será a reação deles, como vou criar um filho, o que faço, caso, aborto, tudo o que se possa imaginar passa na cabeça da pessoa. Acho muito certo passar sobre sexualidade nas novelas porque assim, de algum modo, pode ajudar as pessoas do mundo real.”

Nessa falas, assim como nas de outros alunos e alunas durante o debate, após a audiência das cenas das telenovelas, pude constatar a boa recepção dos alunos ao chamado *Merchandising Social*. Acreditam que a telenovela é uma forma de educar as pessoas para se prevenir de uma gravidez não planejada.

Há de se concordar que “o merchandising social é instrumento dos mais eficazes, tanto pela grande audiência que atinge quanto pela maneira lúdica como dissemina novas condutas e práticas.” (SCHIAVO, 1995, p. 24). As questões sociais, de uma maneira geral, aparecem nas telenovelas de forma positiva e educativa e os personagens são porta-vozes dos conceitos, valores,



II SIMPÓSIO INTERNACIONAL DE EDUCAÇÃO SEXUAL - II SIES

Gênero, Direitos e Diversidade Sexual: Trajetórias Escolares

28, 29 e 30 de abril de 2011

MARINGÁ - PR



ISSN 2177-1111
www.sies.uem.br

atitudes, comportamentos que a telenovela promove e que em muitas residências, salas de professores, igrejas e outros espaços de mediação, transformam-se em acirrados debates com opiniões contra e a favor. Tal fato é pouco presenciado nas salas de aula, principalmente quando o assunto é sexo, pois ainda se julga ser um tema delicado para se discutir nas aulas, pelo motivo de o (a) professor (a) não se sentir preparado para tais questões, ou por que são assuntos para serem conversados no contexto familiar.

Mas, o merchandising social nas séries ficcionais também pode se tornar uma espécie de cartilha a ser seguida. E, pelo motivo de toda telenovela ter em seu desfecho um final feliz (e assim aconteceu com a personagem que engravida na adolescência, nas cenas assistidas pelos alunos), as temáticas sociais conduzem o indivíduo, ilusoriamente, a um lugar seguro, a idealizar sempre desfechos positivos para sua vida. Dessa forma há uma perfeita interação entre a TV e o telespectador que tanto é influenciado quanto influencia, pois ele também participa das tramas de suas telenovelas, pela Internet, correio, telefone, etc. Mas, às vezes, o espectador também compara os finais bem sucedidos com o que diferentemente observa em seu entorno, como se pode observar em uma das poucas falas sobre essa questão:

“As novelas mostram a vida real, mas também iludem, fantasiam um pouco do que realmente é. Na novela tudo acaba bem, o que nem sempre acontece na vida real.”

Sabendo que os discursos sobre como devemos ser e estar no mundo, assim como devemos proceder com o nosso corpo e nossa sexualidade adquirem uma força muito grande, quando estão nos espaços midiáticos, principalmente na televisão, que lhes confere um poder de verdade, de ciência e seriedade, o trabalho do educador e da educadora vê-se, hoje, diante de novas exigências. Por essa razão, é importante para ele “apropriar-se desse meio, estudar suas estratégias de endereçamento, de criação de imagens e sons, compreender a complexa trama de significações que aí estão em jogo.” (FISCHER, 2003, p.51).

Retomando as falas, o interessante foi que apenas três alunos disseram ser a causa da gravidez de adolescentes resultado da falta de diálogo com os pais ou por desestrutura familiar, causas essas levantadas por muitos estudiosos do assunto. Eis uma das falas:

“Para mim todas as adolescentes que têm namorados têm muitos problemas com os pais e pensam em sair de casa e para isso acontecer tem que engravidar. Mais, a maioria das vezes isso não da certo, pois eles não sabem o que vai acontecer no futuro, que filho não é uma boneca que tu brinca e joga fora. Filhos, uma coisa tão complicada quando a pessoa é adulta, imagina na adolescência.”

Nos diálogos da oficina surgiu, com muita recorrência, referência à opção de muitos jovens de abortarem a criança que não estava em seus planos. A maioria manifestou-se contra, e alguns, embora contra, concordam com a lei brasileira que permite o aborto em casos de estupro, para salvar a vida da mãe ou por um defeito grave de formação do feto (anencefalia). As falas, cujos conteúdos revelam a oposição à prática do aborto, estão de acordo com a teoria defendida por muitos religiosos que levantam contra essa prática argumentos de ordem moral que se baseiam no direito à vida e, no caso, é a vida do feto que, segundo alguns pontos de vista, já seria um ser humano desde a concepção.

Segundo Barroso e Bruschini (1990), como exemplo, a tradicional filosofia católica concebe a alma espiritual como o sustentáculo do organismo do ser humano e essa alma começa a existir no momento de sua infusão no corpo, sendo, portanto o aborto considerado um pecado. Tal visão vê-se refletida nas seguintes falas de alunos e alunas:

“Sou contra o aborto. Se fez, crie responsabilidade e aceite. Deus dá a vida e Deus tira a vida.”

“Contra, porque eu acho errado matar uma pessoa indefesa e é contra a lei de Deus.”

REFLEXÕES FINAIS



II SIMPÓSIO INTERNACIONAL DE EDUCAÇÃO SEXUAL - II SIES

Gênero, Direitos e Diversidade Sexual: Trajetórias Escolares

28, 29 e 30 de abril de 2011

MARINGÁ - PR



ISSN 2177-1111
www.sies.uem.br

Após a análise do processo de realização das oficinas, chegou-se à conclusão acerca da importância da televisão trabalhar questões polêmicas referentes aos comportamentos humanos. Daí a importância de trazer para o espaço escolar os recursos midiáticos e dentre eles as telenovelas. A escola, como medidora da produção do conhecimento, não pode mais conceber, como afirmam Leite et al. (2006, p. 124), “um modelo de educação calcado no ideal de universalidade do ser humano, na racionalidade, na negação das emoções, no livro, no uniforme, na organização linear do espaço escolar na disciplina formal entre outras características”, pois nosso aluno hoje é um ser globalizado que foi alfabetizado nas novas tecnologias, principalmente com a televisão.

É importante saber olhar para o que pode ser significativo, pedagogicamente falando, e selecionar o que interessa desse imenso universo de informações veiculadas pelas mídias, para trazer para dentro da escola. Portanto, a pesquisadora reafirma a importância de todo professor também se reconhecer como um educador sempre sexuado ao usar qualquer recurso tecnológico.

Assim sendo, ele poderá mostrar o explícito e o implícito que é veiculado pelos mais diversos meios de comunicação, principalmente pela televisão, que expressa um momento humano hegemônico – que deve ser reconhecido pelo mediador para que este possa ajudar os jovens no processo de leitura das informações e possa desvendar com eles as mensagens subliminares da ideologia dominante.

Além disso, em todas as falas dos alunos, tanto aquelas destacadas como as que não o foram, perpassam ideologias que estão vinculadas às cinco vertentes por nós estudadas aqui nesta pesquisa: a vertente médico-biologista; a vertente terapêutico-descompressiva; a vertente normativo-institucional; a vertente consumista e quantitativa pós-moderna e a vertente emancipatória da sexualidade e da Educação Sexual.

As telenovelas proporcionam ricos debates sobre os mais diversos assuntos; portanto, são um excelente instrumento a ser utilizado, de vez em quando, no espaço escolar, principalmente para dar abertura a uma conversa

sobre sexualidade. Conversa essa que deve continuar porque, como nos diz Freire, citado por Melo (2002, p. 41):

A sexualidade, enquanto possibilidade e caminho de alongamento de nós mesmos, de produção de vida e de existência, de gozo e de boniteza, exige de nós esta volta crítico-amorosa, essa busca de saber de nosso corpo. Não podemos estar sendo, autenticamente, no mundo e com o mundo, se nos fechamos medrosos e hipócritas aos mistérios de nosso corpo ou se os mistérios de nosso corpo ou se os tratarmos, aos mistérios, cínica e irresponsavelmente.

Como ocorre com muitos outros fenômenos sociais, é impossível oferecer afirmações conclusivas ou fazer julgamentos seguros sobre sexualidade e educação sexual – temáticas desta pesquisa. Todavia, reflexões sobre o tema pesquisado são importantes e necessárias, em se tratando de um trabalho científico.

As perguntas iniciais de pesquisa eram dirigidas a dois importantes protagonistas do processo de construção de conhecimento: ao(à) adolescente e ao(à) professor(a)-educador(a). Ao investigar a forma como os jovens compreendem alguns temas relativos à sexualidade, dentre eles a gravidez na adolescência, e como a televisão, especificamente as telenovelas, estimulam um diálogo aberto sobre temas voltados à sexualidade, a pesquisadora procurou levantar indicadores de caminhos possíveis a todos aqueles que convivem com os jovens e que se interessam por saber o que estes pensam. Também procurou buscar alternativas metodológicas interessantes que possibilitem a eles revelarem seus pensamentos, desejos e medos sobre um assunto que diz respeito a todos nós seres sexuados. Assim sendo, ouvindo o que eles têm a dizer, também estaremos procurando dar respostas aos nossos próprios medos e preocupações e teremos pistas pedagógicas de como trabalhar com os jovens, inclusive a temática da sexualidade, de uma forma emancipatória. Isso porque, no pequeno espaço escolar, o profissional do conhecimento encontra-se diariamente desafiado pela possibilidade de ser, nos pressupostos de Freire (2007), *educador dialógico*, construindo com o educando as estratégias apropriadas à exploração e compreensão de si

mesmo e dos outros em uma sociedade pós-moderna cada vez mais complexa.

Nessa caminhada, mais uma vez, a pesquisadora vem confirmar a importância do diálogo num processo educativo, concordando com Freire (1987), que acredita ser o diálogo a melhor forma de podermos olhar o mundo e a nossa vida como processo, como algo em construção, como realidade inacabada e em constante transformação. Sem a prática dialógica na busca de uma educação mais humanizadora, esses adolescentes da pesquisa jamais revelariam suas opiniões de forma tão verdadeira, nem tampouco fariam de seus mais íntimos sentimentos, mesmo sendo de forma lúdica ou tímida. Educar é saber ouvir, é recusar a “domesticação” dos seres humanos, tendo a consciência de que não é só transmitir informações e sim comunicar. De outra forma, a adolescente certamente não revelaria de forma poética sua experiência de ser mãe adolescente, como se pode constatar nos versos a seguir:

Tava esperando ônibus/Ele me olhou diferente/Eu olhei pra ele/Meus treze anos parecia dezoito!/Era o amor!/Começamos a namorar/Muitos beijos e carinhos/Eu sem muita noção de sexo/Ele com a certeza /De que a primeira vez a mulher não se engravida/A camisinha não usou/Aliás nunca tinha visto uma/Transamos/Fui mãe novinha/Parei de estudar pro Paulinho cuidar/E noutra casa fui morar/Mas... não sei se prêmio ou castigo/Nosso filho morreu/Continuei sem estudar/Hoje com dezessete anos tô acabando a oitava série /E trabalhando também/nos separamos e agora estamos juntos de novo/Agora mais sabida/Esperando a hora de ser mãe de novo/Tem tempo!/Nos cuidamos e peço pro meu anjinho/Que deixou marcas no meu coração/Que olhe pela minha felicidade e do seu paizão//. Meu anjinho/Te amo

(A. e J.)

REFERÊNCIAS

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1977.



II SIMPÓSIO INTERNACIONAL DE EDUCAÇÃO SEXUAL - II SIES

Gênero, Direitos e Diversidade Sexual: Trajetórias Escolares

28, 29 e 30 de abril de 2011

MARINGÁ - PR



ISSN 2177-1111
www.sies.uem.br

BARROSO, C.; BRUSCHINI, C. **Sexo e juventude**. São Paulo: Cortez, 1990

BERNARDI, M. **A deseducação sexual**. São Paulo: Summus, 1985.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Estatuto da Criança e do Adolescente** (Lei n. 8069/90). Brasília, DF: COMANDA, 2000.

BUENO, G. da M. **Adolescência, Sexualidade e Gravidez**. PsiqWeb PsiquiatriaGeral. Artigo. Disponível em: <<http://virtualpsy.locaweb.com.br/index.php?sec=30&art=56>>. Acesso em: 23 de janeiro de 2009.

BUDIB, M. A. 2008. Disponível em: <http://www.redeandibrasil.org.br/em-pauta/leiinstitui-politica-estadual-de-prevencao-e-atendimento-a-gravidez/> Acesso em 15 de jan.2009.

DUARTE, A. **Entrevista concedida a Rede Globo on line em São Paulo**, 25 de set. de 2007. Disponível em: <<http://videochat.globo.com/GVC/arquivo/0,,GO10760-3362,00.html>>. Acesso em: 29 de setembro de 2007.

DUARTE, N. **A individualidade para-si**: contribuições a uma teoria histórico-social da formação do indivíduo. Campinas: Autores Associados, 1993.

FISCHER, R. M. B. **Televisão & Educação**: fruir e pensar a TV. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

FREIRE. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

FREIRE. **Pedagogia da Autonomia**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2007.

JAPIASSU, Hilton; MARCONDES, Danilo. **Dicionário Básico de Filosofia**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006.

LEITE, M. et. al. Mediações sociais e práticas escolares. In: SOUSA, M. W. (org.)

Recepção mediática e espaço público novos olhares. São Paulo: Paulinas e SEPAC, 2006.

MELO, S.; POCOVI, R. Caderno Pedagógico I de **Educação e Sexualidade** da UDESC. Florianópolis: UDESC, 2002.



MORAES, R. R. A. **Gravidez na adolescência**. Disponível em: <<http://www.infoescola.com/sexualidade/gravidez-na-adolescencia/2007>>.

Acesso em: 28 de janeiro de 2009.

NUNES, César. **Desvendando a sexualidade**. Campinas: Papirus, 2002.

NUNES, César. **Filosofia, sexualidade e educação**: as relações entre pressupostos ético-sociais e histórico-culturais presentes nas abordagens institucionais sobre educação sexual escolar. Tese de Doutorado.

VALLADARES, K. **A TV e o comportamento sexual do adolescente**. Rio de Janeiro: Mairaquitã, 1997. Faculdade de Educação. UNICAMP. 1996.

ⁱ Mestra em Educação, Comunicação e Tecnologia pela Universidade Estadual de Santa Catarina. Professora no Curso de Pedagogia a Distância da UDESC da disciplina Educação e Sexualidade.